

“Eles da Vila Vintém”: relato etnográfico sobre teatro da favela

“Eles da Vila Vintém”: ethnographic report about favela theater

João Gabriel Ramos Mendes da Cunha

Mestre em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense – UFF.

Resumo: Esse artigo é um recorte da minha dissertação de mestrado intitulada “Talentos da Vila Vintém: sobre intensidade, fluxos e afetos em uma companhia de teatro”, defendida no ano de 2018. Aqui, nesse artigo, tendo como base os diálogos que estabeleci com os membros da companhia eu tento apresentar algumas discussões a respeito das categorias de cultura, território e racismo. O que de, certo modo, ajuda a apresentar um certo tipo de movimento político artístico da companhia Talentos da Vila Vintém.

Palavras-chave: Talentos da Vila Vintém; Cultura; Território; Racismo; Favela.

Abstract: This article is a cut from my master’s dissertation titled “Talents from Vila Vintém: On Intensity, Flows, and Affection in a Theater Company,” advocated in the year 2018. Here, in this article, drawing on the dialogues I established with the members of the company I try to present some discussions about the categories of culture, territory and racism. To a certain degree, helps to present a certain type of political artistic movement of the company Talentos da Vila Vintém.

Keywords: Talentos da Vila Vintém; Culture, Territory; Racism; Favela.

Introdução: um breve relato da criação da companhia Talentos da Vila Vintém

Antes de irmos direto para o nosso campo de análise propriamente dito que é a Companhia Talentos da Vila Vintém é importante passarmos, mesmo que brevemente, pelo seu processo de construção. De certa forma, é apresentar os processos que afetaram Otávio a idealizar e criar uma companhia de teatro nas entranhas da favela da Vila Vintém. Em uma de nossas primeiras conversas Otávio contou: *desde criança me via atuando, mas foi quando minha irmã apresentou uma peça na escola quando eu era criança que desejei fazer aquilo para minha vida. Minha primeira apresentação foi com 9 anos em uma peça chamada "Plutft, o fantasminha" na escola em que eu estudava. Eu fui o pirata. Fiquei puto, eu queria ser o fantasma, mas a professora não deixou porque eu não era branco*¹.

O tempo passou e Otávio continuou a atuar em peças amadoras até que em 1997, com 23 anos, ele se tornou ator profissional. Com 23 anos, tudo parecia ir bem para Otávio. Mas nesse mesmo ano ele foi demitido da loja em que trabalhava no bairro de Botafogo. Pouco tempo depois sua irmã Márcia, que trabalhava de caixa na mesma loja, foi mandada embora *porque o dono da loja ficou puto [comigo] e aí pra sacanear demitiu ela também*. No mesmo período de tempo, *meu irmão Fernando perdeu o emprego no Mac Donald's*. Diante dessa situação, *minha mãe, com a pensão que recebia e o trabalho dela na época, pagava o aluguel e o condomínio de um apartamento localizado no bairro do Flamengo, mas até quando daria para sobreviver comer, pagar conta, essas coisas?* Foi a partir desse questionamento que a família decidiu que era hora de procurar em outros bairros um novo lugar mais barato para se morar.

Dona Ilma, mãe de Otávio, havia recebido uma carta de crédito e o prazo para usá-la estava terminando. Com ela em mãos, *um rapaz de uma imobiliária que ninguém conhecia nem sequer tinha ouvido falar, disse para ela que havia uma casa em Padre Miguel que aceitava a carta de crédito*. Com essa possibilidade, o corretor levou toda a família para conhecer a casa em Padre Miguel. *Ele levou a gente pelos lados mais bonitos da Vila Vintém, a gente olhava e achava que estávamos entrando em uma região do bairro de Padre Miguel*. Existe uma diferença tipográfica muito marcante entre algumas favelas da Zona Oeste para o restante das favelas da cidade. Enquanto maioria das favelas do restante da cidade está localizadas em morros, algumas favelas na Zona Oeste se organizam em grandes espaços planos, e a Vila Vintém é umas delas. Por conta disso, e também pelo cinismo do corretor, a família

¹ Todas as falas dos interlocutores dessa pesquisa estão marcadas pelo uso do *italico*

não percebeu que estava comprando uma casa dentro da Vila Vintém

Foi então que em 1997 Otávio passou a morar em Vila Vintém, favela localizada entre os bairros de Padre Miguel e Bangu da cidade do Rio de Janeiro. Naquele momento da sua vida, Otávio buscava novas possibilidades para sua carreira de ator. Foi quando ouviu falar de um grupo de teatro relativamente novo que funcionava em um casarão dentro da favela do Vidigal chamado “Nós do Morro”, o qual ele foi conhecer pessoalmente. Assim que chegou no local, Otávio foi recebido por um dos diretores, que não permitiu sua participação na companhia, pois, segundo o diretor do Nós do Morro, este não era aberto para moradores de outras partes da cidade. Foi nesse momento que a Talentos da Vila Vintém começou a nascer: *Fui embora e no meio do caminho pensei em criar uma companhia de teatro que aceitasse qualquer pessoa de qualquer parte da cidade.*

O tempo foi avançando um pouco e o seu projeto de teatro não havia saído da sua cabeça ainda. Talvez por conta da falta de tempo, pois ele estava participando da peça “Chiquinha Gonzaga” no Teatro Vanucci, na Gávea. *Toda vez que voltava do teatro na Gávea via pelas ruas da Vintém várias crianças brincando e improvisando cenas da novela Chiquititas. Naquele momento vi que aquelas crianças eram talentos e que deviam ser aproveitados.* Com isso o desejo de criar uma companhia teatral no território da Vila Vintém ganhou mais intensidade. Contudo, ainda foi preciso um pouco mais de tempo para que Otávio pudesse se dedicar ao desenvolvimento desse projeto.

Em um determinado dia, poucas horas antes de Otávio sair de casa para ir até o Teatro Vanucci para vestir o figurino, passar maquiagem, passar o texto e fazer a apresentação da peça, ocorreu uma intensa troca de tiros próxima à sua casa. *Fiquei dentro de casa esperando o tiroteio parar ou diminuir um pouco, mas o tempo ia passando e os tiros ficavam cada vez mais perto e mais intensos. Não tive como esperar o tiroteio parar. Teve um momento em que a situação ficou menos intensa e os tiros pareciam vir de longe, foi aí que peguei minha mochila com figurino e me preparei para sair. Assim que abri o portão, vi um carrinho de mão passando com um corpo. Perturbado, voltei para dentro de casa e pouco tempo depois a troca de tiros parou de vez. Já muito atrasado para o teatro, fui correndo para o ponto de ônibus. Assim que chego, vejo o corpo do rapaz jogado ao lado do ponto.*

Cheguei no teatro passando mal, com tontura, vomitando e cheguei atrasado... Sorte que ainda faltava um pouco para minha cena, aí deu tempo de me arrumar para entrar em cena. Fiquei angustiada com aquilo tudo. Foi horrível ter que me preparar para entrar no palco após presenciar aquela atrocidade. Após passar por isso comecei a sair de casa já arrumado para o teatro. Arrumava o cabelo, colocava o figurino, a ma-

quiagem tudo em casa. A roupa tinha uns brilhos e uma capa e isso chamou a atenção de umas crianças que me perguntaram se eu estava indo desfilando na Mocidade. Disse: “não vou desfilando na Mocidade, vou fazer teatro”. As crianças questionaram: “teatro? Você é ator? Mora na favela e faz teatro?”.

Ator, teatro e favela eram três expressões da realidade que possuíam uma certa dificuldade de se relacionarem e a fala desses meninos para Otávio, em tom de surpresa, denunciou essa dificuldade. Em 1997 não havia nenhuma prática cultural voltada para o teatro nos arredores da Vila Vintém: *as únicas opções de cultura e lazer que existiam na comunidade eram o baile funk, pagode em bar e a escola de samba da Mocidade. Sentia falta do teatro. Foi então que, enfim, retirei o projeto do papel e abri o curso de teatro “Talentos da Vila Vintém”.* A companhia atuou dentro da favela da Vila Vintém por mais de 18 anos, sendo referência de ensino e produção de cultura daquela região afastada dos grandes centros ditos culturais da cidade do Rio de Janeiro. Atualmente a Talentos da Vila Vintém ocupa um espaço na Nave do Conhecimento que fica ao lado de uma das entradas da favela da Vila Vintém.

A Vila Vintém em outros palcos: refletindo sobre produção de cultura

A Talentos da Vila Vintém é uma companhia de teatro que possui 22 anos de existência. Nos dias atuais não é comum a companhia realizar apresentações de peça fora da sua região, embora tenha acontecido algumas apresentações em universidade e em outras cidades. Mas, há poucos anos atrás havia o hábito da companhia circular mais entre outros palcos e espaços da cidade. Ou seja, em certo momento da sua existência, os membros da companhia conseguiram desprender a Talentos da Vila Vintém dos espaços da comunidade. Ao realizar apresentações fora da Vila Vintém, é intenção dos membros da companhia, como dito por Otávio, *demonstrar pela arte e teatro que a Vila Vintém vale mais que “um vintém”².*

Durante a maior parte da sua trajetória, a Talentos da Vila Vintém estabeleceu relações com o território da Vila Vintém. Nesse sentido, talvez seja possível

² O dito popular: “não vale nem um vintém” é quase que a mesma coisa que dizer que algo não tem valor nenhum. De acordo com a Enciclopédia de Livre Acesso (Wikipédia) o nome Vila Vintém deriva, de alguma maneira, dessa relação entre a palavra “Vintém” e o seu significado de valer a vigésima parte da moeda cruzado: “Em 1939 foi construída a estação ferroviária de Moça Bonita, onde, antes havia apenas uma pequena parada do trem na estrada de ferro. Os trabalhadores da estação ferroviária começaram a povoar Vila Vintém, que recebeu esse nome por causa da distância do Centro, e por ser o local, um grande charco de água. Por isso, dizia-se que aquelas terras não valiam “nem um vintém”. Informação disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Vila_Vint%C3%A9m (Acessado em: 12/06/2018).

argumentar que a Talentos da Vila Vintém era, e ainda é, uma companhia que pratica um teatro que emerge das ruas e vielas da favela e se projeta para fora das suas fronteiras. Isto é, através do teatro a companhia consegue romper a fronteira, física, moral e simbólica entre a favela da Vila Vintém e os outros espaços da cidade.

Ocupar fisicamente e simbolicamente outros teatros e praças da cidade do Rio de Janeiro é um movimento que encontra ecos na dimensão múltipla do território:

[...] o território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças. Todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência. (SANTOS, 2007: 13)

Pensando no contexto da cidade do Rio de Janeiro, existe um certo tipo de hegemonia social e cultural que está localizado em espaços distantes das favelas e principalmente das favelas da Zona Oeste. Assim sendo, o teatro é um programa cultural que confere status e muitas vezes é também um demarcador social, ou seja, um território excludente. Nessa direção, toda vez que a Talentos da Vila Vintém se apresenta fora da favela, é ali realizado um movimento de reorganização das condições sociais. Isto é, ao se apresentar fora da Vila Vintém a companhia rompia com a hegemonia de uma determinada classe privilegiada no que diz respeito ao acesso e à produção teatral.

Podemos argumentar que ao sair da Vila Vintém para se apresentar em outros espaços e receber aplausos, elogios e o reconhecimento do público, a Talentos da Vila Vintém contribui para configurar a cidade “[...] como espaço de encontro entre diferentes e desconhecidos, contribuindo para que os seres humanos se tornem mais ricos de experiências no seio da vida societária” (BARBOSA, 2007: 133). Mesmo que seja apenas uma pequena contribuição e que não cause efeitos na estrutura da desigualdade social, ao fazer isso os membros da companhia podem operar produções de novas maneiras de esse público pensar a existência.

Todas as vezes em que tive a oportunidade de acompanhar algum evento, fosse apresentação de peça, desfile, show de talentos, debates etc., organizado pelos membros da Talentos da Vila Vintém, Otávio sempre fazia uma rápida apresentação a respeito da companhia falando dos alunos, dos eventos e, principalmente, da luta para manter o grupo em atividade. Ao final de sua fala, invariavelmente, terminava com o enunciado: *vamos mostrar para o resto da cidade que na Zona Oeste também tem teatro! Aqui também tem cultura.*

Um dia, enquanto caminhávamos pelas ruas de Bangu em direção à estação

de trem, me recordo de informar a Otávio que existem mais teatros nos entornos da Cinelândia e da Praça XV do que na Zona Oeste inteira. Foi aí que ele disse: *Tu tá falando de teatro teatro, né? Teatro como espaço físico você tá falando? Porque tem muita gente nas periferias da Zona Oeste que faz teatro, muito mais do que no Centro da Cidade e acho até que da Zona Sul. O problema é que as pessoas não sabem disso.*

As regiões periféricas da Zona Oeste certamente não são conhecidas por sua diversidade teatral:

As periferias urbanas são geralmente definidas como territórios carentes, miseráveis e violentos. Portanto, não são consideradas em suas potências de superação das condições materiais e imateriais das desigualdades sociais. Predominam os estereótipos e estigmas que marcam negativamente todas as experiências de relações sociais, inclusive as culturais. Não é sem surpresa que o senso comum considera que “falta cultura” aos moradores das periferias urbanas. Muitas vezes o fazer cultural das periferias é conhecido e faz até sucesso. Porém, a questão principal é que essas práticas não são reconhecidas como relevantes para sociedade como um todo. E, não raras vezes, tornadas invisíveis na cidade. Aqui reside um recorte territorial discricionário do significado da cultura que precisa ser superado com políticas públicas afeiçãoadas ao conjunto de experiências e sujeitos sociais que se fazem presentes na periferia [...] (BARBOSA, 2017: 18).

Fazer teatro e produzir cultura dentro de uma das maiores favelas da Zona Oeste do Rio de Janeiro é uma iniciativa que não entra nos grandes circuitos culturais da cidade. Elas surgem e acontecem através da vontade dos seus membros e, muitas vezes, na base do improvisado.

Apesar do não reconhecimento, as periferias da Zona Oeste estão cheias de cultura. De acordo com a pesquisa “Projeto Oeste Carioca”, realizada pelo Observatório de Favelas em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura:

O olhar panorâmico sobre a paisagem cultural de bairros considerados periféricos, obviamente não identificará equipamentos (públicos e privados) de maior porte como Teatros, Cinemas, Casas de Espetáculos, Centro Culturais, Museus e Bibliotecas, sobretudo quando comparados aos localizados no Centro ou mesmo na Zona Sul da cidade. É claro que isto não significa dizer que não há teatro, música, dança, filme, literatura, poesia e festa em bairros da periferia. Embora os equipamentos de qualidade sejam importantes para a experimentação e a fruição da cultura, não se deve ater a presença destes como critério exclusivo da vida cultural da cidade (BARBOSA, 2017: 18).

Há uma imensa riqueza cultural nas periferias urbanas da nossa cidade que não aparece no mapa oficial da distribuição de equipamentos culturais; (...) [registrou] 265 instituições e lugares de arte, cultura e patrimônio (ecológico e histórico) que se fazem presentes na Zona Oeste do Rio de Janeiro (BARBOSA, 2017: 19).

É importante registrar que os bairros de Bangu, Santa Cruz, Campo Grande e Guaratiba foram os que mais se destacaram no aludido inventário. Os quatro bairros reunidos alcançaram 134 do conjunto total de instituições e espaços inventariados. Isto demonstra o inegável papel que estes possuem no espaço regional e para cidade como um todo. São Casas de Cultura e de Memória (Museu de Campo Grande, Museu de Bangu, Museu Estúdio de Artes Cênicas - Bangu, Museu dos Transportes, Museu do Pontal e a Associação Vida Feliz - Guaratiba) que nasceram do encontro de historiadores, poetas, cenógrafos, artesãos e romancistas. São Centros Culturais dedicados à literatura, à música, à dança e ao teatro (BARBOSA, 2017: 20).

Existe muita cultura sendo feita na Zona Oeste, sendo que a maior parte dessas iniciativas culturais se enquadram na mesma categoria da Talentos da Vila Vintém: são projetos culturais organizados por membros da sociedade civil que possuem pouco ou nenhum apoio público ou privado. Quando se trata das artes que mexem com o corpo, como teatro e dança, é possível afirmar com quase total certeza que existe uma quantidade grande de grupos espalhados por todas as regiões da Zona Oeste. Além da Talentos da Vila Vintém, há o grupo 7 Malandros que é um projeto que nasceu dentro da companhia. Também tive a oportunidade de conhecer um grupo de dança em um evento na Nave do Conhecimento chamado “Marta Black” e, no final do ano de 2017, a Talentos da Vila Vintém participou de um evento intitulado “Festival Moacyr Teixeira de Teatro Amador da Zona Oeste”. Esse evento reuniu inúmeros grupos de teatro da Zona Oeste, cada um teve a oportunidade de apresentar um curto trecho de alguma peça autoral ou não e ao final foram distribuídos prêmios entre os participantes. “[...] há outra geografia da cultura acontecendo na cidade” (BARBOSA, 2017: 24). Uma cultura que não é visível por grande parte da população carioca.

Certa vez, Otávio me expôs sua teoria a respeito desse desinteresse do restante da cidade nas produções artísticas e culturais da Zona Oeste: *acho que o problema da mobilidade urbana na cidade ajuda a criar esse rótulo de que na Zona Oeste não tem cultura. Pra quem mora na Zona Oeste e não tem carro já é difícil ir para outros lugares da própria região. Agora imagina para as pessoas que vêm de outras regiões. Não tem como uma pessoa da Zona Sul chegar até aqui de trem ou de ônibus, assistir uma peça, que acaba tarde, e ir embora. Não tem. Tenho amigos da Zona Sul que gostariam de vir assistir a companhia, pessoas que são do teatro também, lá do Nós do Morro. Eles não conseguem vir porque depois da peça não têm como voltar pro Vidigal... E eu não posso pôr a peça mais cedo, pois a maior parte do meu elenco trabalha. Tenho que pôr a peça para depois das 19 horas. 19h30 abro para o público, 20h começa a peça, 21h40, se a gente correr, acaba a peça. Como é que eles vão voltar às 22h? Não voltam. Isso vale para todo o mundo. Essa organização do transporte público*

*no Rio de Janeiro, principalmente aqui na Zona Oeste, gera desinteresse das pessoas em virem até aqui para verem o que existe na Zona Oeste. As pessoas só conhecem a Zona Oeste pelo RJ TV e quase nunca eles falam da cultura daqui, sempre falam das milícias, do que tem de ruim. Isso cria esse rótulo que aqui ninguém gosta de cultura.*³

Há, assim, uma retórica constantemente reproduzida nos meios de comunicação de massa, especialmente jornais e telejornais, feita por quem propicia “informação” ou por pessoas com autoridade, como críticos de teatro e/ou cinema, artistas, agentes culturais de modo geral, que nos incute a ideia de que o que pode ser chamado de cultura se concentra em determinadas regiões da cidade e que outras, como a Zona Oeste, são definidas a partir da perspectiva da falta, da quase inexistência do poder público e das distâncias física e simbólica em relação às primeiras. A Talentos da Vila Vintém, bem como as demais iniciativas culturais da sociedade civil da Zona Oeste, criam um movimento que busca demonstrar “(...) a riqueza cultural de bairros estigmatizados e redefinem o seu lugar na experimentação estética urbana no contemporâneo” (BARBOSA, 2017: 25). Não é exagero dizer que para boa parte dos habitantes das regiões mais ricas e privilegiadas da cidade, cultura é o que acontece ao seu redor e as pessoas que vivem na Zona Oeste não se interessam por teatro ou são incapazes de produzir seu próprio teatro.

A Talentos da Vila Vintém recusa o estereótipo e produz o seu próprio teatro, configurando-se como um espaço onde uma determinada ideia de cultura minoritária pode vir a ser potencializada, podendo, assim, vir a se atualizar como um instrumento que possibilita uma transformação. A cultura da Zona Oeste que a Talentos da Vila Vintém traz consigo, enquanto potência da diferença, faz com que ela, em suas atividades e projetos artísticos, abra espaços para as novas possibilidades da multiplicidade. Agindo assim, a Talentos da Vila Vintém vai em uma direção oposta à cultura dominante.

Félix Guattari propôs em seu texto intitulado “Cultura: um conceito reacionário?” três conceitos para cultura: 1- cultura-valor; 2- cultura alma coletiva; 3- cultura mercadoria. Começando pelo segundo conceito, cultura enquanto “alma coletiva” seria “[...] ‘sinônimo de civilização’ [...]. Essa é uma cultura muito democrática: qualquer um pode reivindicar sua identidade cultural” (GUATTARI; ROLNIK, 2005: 23). Já a cultura mercadoria é definida pela ideia de que

A cultura são todos os bens: todos os equipamentos (como casas de cultura), todas as pessoas (especialistas que trabalham nesse tipo de equipamento), todas as referências teóricas e ideológicas relativas a esse funcionamento, tudo que contribui

³ Otávio fala do assunto com certa propriedade. Formado em História pelas Faculdades Integradas SIMONSEN, seu Trabalho de Conclusão de Curso tocou nesse ponto.

para a produção de objetos semióticos (tais como livros e filmes), difundidos num mercado determinado de circulação monetária ou estatal (GUATTARI; ROLNIK, 2005: 23).

Por fim, cultura-valor:

[...] vou designar como ‘cultura valor’ por corresponder a um julgamento de valor que determina quem tem cultura e quem não tem; ou se pertence a meios cultos ou pertence a meios incultos [...] com a ascensão da burguesia, a cultura-valor parece ter vindo substituir outras noções segregativas, antigos sistemas de segregação social da nobreza. Já não se fala mais em pessoas de qualidade: o que se considera é a qualidade da cultura resultante de determinado trabalho (GUATTARI; ROLNIK, 2005: 23).

Sendo que “[...] esses três sentidos de cultura que apareceram sucessivamente no curso da História continuam a funcionar simultaneamente. Há uma complementaridade entre esses três tipos de núcleos semânticos” (GUATTARI; ROLNIK, 2005: 25). A cultura é peça fundamental na produção da subjetividade capitalística: “[...] o capital funciona de modo complementar à cultura enquanto conceito de equivalência: o capital se ocupa da sujeição econômica, e cultura, da sujeição subjetiva” (GUATTARI; ROLNIK, 2005: 21). Nessa chave da sujeição subjetiva, podemos dizer que na contemporaneidade “[...] a produção de subjetividade talvez seja mais importante do que qualquer outro tipo de produção, mais essencial até do que o petróleo e as energias” (GUATTARI; ROLNIK, 2005: 34).

Desta forma, tudo que é produzido pela subjetividade capitalística passa pela junção individual e coletiva, ela é ao mesmo tempo social e pessoal: “[...] a subjetividade [é] produzida por instâncias individuais, coletivas e institucionais” (GUATTARI, 2012: 11). Assim sendo, “[...] a subjetividade individual [...] resulta de um entrecruzamento de determinações coletivas de várias espécies, não só sociais, mas econômicas, tecnológicas, de mídia e tantas outras” (GUATTARI; ROLNIK, 2005: 43).

A partir disso, é possível dizer que a grande mídia tem um papel importante na criação de subjetividade. Uma vez que “grande parte de seu tempo [dos indivíduos] é passado diante da televisão, absorvendo relações de imagem, de palavras, de significação” (GUATTARI; ROLNIK, 2005: 41). Não é raro passar na televisão notícias que tratam da Zona Oeste a partir da perspectiva da “região abandonada”, da região que é o principal reduto das milícias no Rio de Janeiro, ou da disputa pelo controle tráfico de drogas entre traficantes e milicianos. Com isso, quero dizer que geralmente quando a Zona Oeste aparece nos grandes meios de comunicação de

massa não é para exaltar a sua grande pluralidade e potencial cultural.

Os processos de subjetivação podem ser impostos pela força dos grandes meios de comunicação de massa, uma vez que:

As máquinas tecnológicas de informação e de comunicação operam no núcleo da subjetividade humana, não apenas no seio das suas memórias, da sua inteligência, mas também na sua sensibilidade, dos seus afetos, dos seus fantasmas inconscientes (GUATTARI, 2012: 15).

Criar subjetividades seriadas e a partir disso controlá-las é o projeto do Capitalismo Mundial Integrado (CMI) que tem na cultura o seu braço de força que molda as subjetividades. Nesse caminho o conceito de cultura se apresenta enquanto “[...] profundamente reacionário” (GUATTARI; ROLNIK, 2005: 21). Isso porque, a cultura capitalística age na tentativa de dificultar os movimentos da diferença enquanto uma força em uma certa zona de intensidade, isto é, impede que os movimentos da diferença, da singularização, se atualizem através de potências de variações e se transformem em uma força transformadora. Nessa direção, Guattari vai argumentar que

A cultura de massa produz, exatamente, indivíduos: indivíduos normalizados, articulados uns aos outros segundo sistemas de hierárquicos, sistemas de valores, sistemas de submissão – não sistemas de submissão visíveis e explícitos [...] mas sistemas de submissão muito mais dissimulados. E eu nem diria que esses sistemas são “interiorizados” ou “internalizados” de acordo com a expressão que esteve muito em voga numa certa época, e que implica nua ideia de subjetividade como algo a ser preenchido. Ao contrário, o que há é simplesmente uma *produção* de subjetividade. Não somente a produção de subjetividade individuada – subjetividade dos indivíduos – mas uma produção de subjetividade social que se pode encontrar em todos os níveis da produção e do consumo. E mais ainda: uma produção de subjetividade inconsciente. A meu ver, essa grande fábrica, essa poderosa máquina capitalística produz, inclusive, aquilo que acontece conosco quando sonhamos, quando devaneamos, quando fantasiemos, quando nos apaixonamos e assim por diante. Em todo caso, ela pretende garantir uma função hegemônica em todos esses campos (GUATTARI; ROLNIK, 2005: 22).

Nesse caminho, desenvolve o autor:

A cultura não é apenas uma transmissão de informação cultural, uma transmissão de sistemas de modelização, mas também uma maneira das elites capitalistas exporem o que eu chamaria de um mercado geral do poder (GUATTARI; ROLNIK, 2005: 27).

Quando Otávio diz ao final das suas falas: *aqui na Zona Oeste tem cultura!*,

ele está mobilizando a ideia de que a cultura produzida pela Talentos da Vila Vintém não é a mesma que a cultura dita dominante. Leonardo comenta, *A gente quer ser reconhecido como companhia de teatro da Zona Oeste, mas é muito difícil. Dizem que aqui na Zona Oeste possui poucas ou nenhuma opções de cultura e lazer e se for parar para vê, quem fala isso nunca veio até Zona Oeste. Falam do que não conhecem, até porque tem um monte de projeto cultural pela Zona Oeste. Na Talentos da Vila Vintém, sempre que a gente pode, de como a gente tenta mostrar que tem outra cultura sendo feita na Zona Oeste, que não tem nenhum tipo de apoio, que não tem lugar dentro dos grandes teatros da cidade, poucos dão espaço para gente na TV para divulgação.*

A partir dessa leitura podemos dizer que a Talentos da Vila Vintém, na qualidade de uma produtora de cultura da Zona Oeste, a partir da diferença, é dotada da capacidade de abrir um caminho para a possibilidade da existência de um movimento minoritário. Nessa direção, a companhia se opõe a essa grande máquina de produção de subjetividade. A partir disso a Talentos da Vila Vintém se configura como um espaço onde

[...] é possível desenvolver modos de subjetivação singulares, aquilo que poderíamos chamar de 'processos de singularização': uma maneira de recusar todos esses modos de encodificação preestabelecidos, todos estes modos de manipulação e de telecomando, recusá-los para construir modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular. Uma singularização existencial que coincida com um desejo, com o gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são nossos (GUATTARI; ROLNIK, 2005: 22-23).

A partir dessa leitura a respeito da Talentos da Vila Vintém, talvez possamos argumentar que a companhia produz um certo tipo de movimento sobre os indivíduos que passaram e experimentaram a companhia. Nessa direção, a companhia cria um espaço onde existe a possibilidade de se transmitir uma imposição de uma potência de vida. Isto é, a Talentos da Vila Vintém, enquanto uma zona de ruptura dos regimes de verdade acerca da Zona Oeste, se atualiza enquanto um espaço onde se abre a possibilidade da produção de uma nova subjetividade. A Talentos da Vila Vintém é capaz de agir produzindo novas subjetividades, uma nova arte de viver. Abre, em última instância, para uma vida nova que de certa forma, pode ser estrutura na tomada de consciência a respeito do racismo estrutural.

Uma companhia antirracista

Certo dia ao retornar ao trabalho de campo, eu cheguei um pouco mais cedo e fiquei conversando com alguns membros da companhia e funcionários da Nave do Conhecimento. Pouco tempo depois Otávio chegou e, como de costume, falou com todos e após isso se aproximou de mim e disse: *Olha eu só vim aqui para dar uma passadinha. Hoje é Léo que vai dá o ensaio eu tenho que ir no meu barracão lá em Urucrania. Daqui você vai para Santa Cruz, né? Então é pertinho, vamos comigo até o trem que a gente vai conversando.* Fiz isso e fui com ele.

No caminho para a estação fomos conversando a respeito da representatividade nas artes em geral. Já dentro do trem Otávio comentou: *eu não gosto de levantar bandeiras. Mas tem duas que eu como cidadão não posso deixar de levantar: as bandeiras da luta contra o racismo e da luta contra a homofobia. Eu levo isso pra Talentos da Vila Vintém. A luta contra a homofobia é bem recente na minha vida. Eu achava que não precisava me posicionar, mas hoje eu vejo que é preciso. Eu quero escrever uma peça onde o protagonista seja um jovem gay que luta contra a família, a escola e o mercado de trabalho. A minha luta contra o racismo é bem mais antiga, desde o início da Talentos da Vila Vintém. Eu já sofri e sofro muito racismo... Eu tinha um cabelão lindo e cheio. Mas eu não aguentava. Era toda hora uma dura e todo hora minha mãe tinha que ir me buscar em vários lugares de noite porque o policial me tirava de dentro do ônibus pra me revistar.*

Enquanto o trem ia parando nas estações e enchendo de gente, Otávio continuava a comentar: *quando o teatro era lá dentro da Vila Vintém e eu morava lá, né, tinha aqueles dias em que acontecia as incursões policiais e era sempre em um horário merda. Sempre no horário que a gente tá fora de casa, ou que precisa sair ou que tá voltando do trabalho. Ai em um dia desses eu tava voltando pra casa e dei de cara com a polícia. Nem me perguntaram nada. Me deram um tapa na cara. A minha sorte era que tinha uma mulher que me conhecia e falou pros policiais que eu não era bandido: “ele é do teatro” Nessa mesma época um aluno me contou que ele tava perto da estação de trem esperando a namorada dele chegar. Nisso um policial chegou e bateu nele, o meu aluno no desespero, sem saber o que por qual motivo estava apanhando, falou com o policial: “não me bate não. Eu sou ator” o policial respondeu pra ele: “Que mané ator o que! Não tem artista ai não. Nessa favela ai só tem bandido”. Depois as pessoas querem vir me dizer que o Brasil não é racista. Por favor, né? O Brasil é sim muito racista, sempre foi.* Otávio produz em seus alunos um entendimento a respeito da maneira como o racismo se estrutura na sociedade brasileira e a partir disso constrói aliados que são dotados da capacidade de denunciarem o racismo que contamina o

nosso tecido social.

Em nosso senso comum circula a ideia de que o Brasil é o país da democracia racial. A difusão dessa lógica da democracia racial, de acordo com Ana Claudia Silva, faz com que seja

[...] comum ouvir dizer que o racismo no Brasil seria mais brando porque seria mais sutil, menos agressivo, menos explícito. Chega-se o ponto de argumentar que não haveria racismo, segundo a lógica de que se há casos de isolados de discriminação, ele é devido a aspectos sócio econômicos e não raciais; se a grande maioria da população pobre é formada por pessoas negras, trata-se de uma contingência histórica e, além disso, também a pessoas brancas pobres (SILVA, 2016: 360).

A respeito da democracia racial o sempre atual, Abdias do Nascimento vai nos dizer que:

[...] a base de especulações intelectuais, frequentemente com apoio das chamadas ciências históricas, erigiu-se no Brasil o conceito de *democracia racial*; segundo esta, tal expressão supostamente refletiria determinada relação concreta na dinâmica da sociedade brasileira: que pretos e brancos convivem harmoniosamente, desfrutando iguais oportunidades de existência, sem nenhuma interferência, nesse jogo de paridade social, das respectivas origens raciais ou étnicas (NASCIMENTO, 1978: 41 – grifo do autor).

O Brasil é um Estado estruturalmente racista. Seguindo nessa direção, podemos pensar com Foucault no sentido de que:

A especificidade do racismo moderno, o que faz sua especificidade não está ligado a mentalidades, a ideologias, a mentiras do poder. Está ligado à técnica do poder, à tecnologia do poder. Está ligado a isto que nos coloca, longe da guerra das raças e dessa inteligibilidade da história, num mecanismo que permite ao poder exercer-se. Portanto, o racismo é ligado ao funcionamento do Estado que é obrigado a utilizar a raça, a eliminação das raças e a purificação da raça para exercer seu poder soberano (FOUCAULT, 2016: 217).

Isso quer dizer que, é possível argumentar que o racismo tem relação com o biopoder. Dentro dessa lógica argumenta Foucault: “Com efeito, que é racismo? É, primeiro, o meio de introduzir afinal, nesse domínio da vida de que o poder se incumbiu, um corte: o corte entre o que deve viver e o que deve morrer”(FOUCAULT, 2016: 214). Segue o autor:

[...] o racismo é a condição de aceitabilidade de tirar a vida numa sociedade de normalização. Quando vocês têm uma sociedade de normalização, quando vocês têm um poder que é, ao menos em toda a sua superfície e em primeira instância, em pri-

meira linha, um biopoder, pois bem, o racismo é indispensável como condição para poder tirar a vida de alguém, para poder tirar a vida dos outros. A função assassina do Estado só pode ser assegurada, desde que o Estado funcione no modo do biopoder, pelo racismo. [...] [o] racismo no exercício de um poder assim: é a condição para que se possa exercer o direito de matar. [...] Por tirar a vida não entendo simplesmente o assassinio direto, mas também tudo o que pode ser assassinio indireto: o fato de expor à morte, de multiplicar para alguns o risco de morte ou, pura e simplesmente, morte política, expulsão, a rejeição, etc.. (FOUCAULT, 2016: 214-2015)

Deixar viver e deixar morrer. Em certo momento, depois da primeira quinzena do mês de maio de 2017, a Talentos da Vila Vintém deixou de se reunir por cerca de duas semanas. Ficar sem se reunir por um dia ou dois por conta de operações policiais é algo comum, mas nesse período foi o período em que a companhia ficou mais tempo sem conseguir se reunir. O teatro ficou suspenso, porque circulava a informação ali pela região da Vila Vintém e de outras comunidades próximas da Nave do Conhecimento de que a milícia iria orquestrar uma invasão nessas favelas. Thabatha relatou o seguinte: *Tá cheio de bandido aqui na Vila, eu tava saindo e vi os bandidos pelo caminho que eu geralmente passo. Dei a volta e no outro caminho eu bati de cara com mais bandidos. Voltei pra casa.*

Após dias depois sem notícias a respeito do que havia acarretado essa ameaça de invasão a própria Thabatta explicou em um áudio no grupo da companhia no WhatZapp: *É a milícia que controla as máquinas do jogo aqui nos bares da Vila Vintém e dessas outras favelas ai perto da Nave. Ai o que aconteceu: a milícia queria aumentar o lucro deles não pagando aos traficantes o valor combinado para deixarem rolar o jogo. Quando Celsinho [da Vila Vintém] ficou sabendo disso, mandou recolher todas as máquinas do jogo. Mandou jogar lá no meio da quadra de futebol e passar o rolo compressor em cima. Tá lá, cheio de máquina quebrada na quadra. Os milicianos ficaram putos e tão ameaçando invadir aqui.*

Otávio no mesmo instante suspendeu as aulas do teatro até que a situação fosse normalizada. Levou duas semanas para que as ameaças de invasão fossem retiradas. Só assim os encontros da companhia se regularizaram e logo depois da primeira aula eu caminhava junto com Otávio e Leonardo em direção a estação de trem e ambos comentaram entre si e comigo: *essas semanas não tinha a menor condição de ter teatro. A gente não sabia se ia rolar invasão ou não, podia acontecer ou não. Tinha aluno que queria vir pro teatro e eu mantenho a aula com a polícia cercando as favelas todas daqui? Imagina se a gente tá aqui no teatro de noite e começa os tiros? Como íamos fazer? Eu tenho um monte de aluno negro e imagina se eles estão na rua pra vir ou ir embora do teatro e acontece uma troca de tiro. Acha que a polícia vai perguntar se ele é ator se faz curso de teatro se tá vindo ou indo pra Nave? Não. A*

polícia vai é atirar nele. A vida do negro vale menos.

A Talentos da Vila Vintém se organiza enquanto uma companhia que busca produzir uma reflexão em seus atores a respeito das opressões racistas que a população negro enfrenta no contexto da sociedade brasileira. Nem sempre os membros da companhia percebem um ato de racismo: *as vezes o meu aluno negro nem percebeu que sofreu racismo. A gente teve uns alunos brancos ai que achavam que o racismo era só xingar de preto, macaco essas coisas. A gente sempre precisa tá dizendo que o racismo é mais do que isso. Ele é violento é quase inconsciente, as vezes a pessoa tá sendo racista e nem tá percebendo. Uma das funções da Talentos da Vila Vintém é apontar isso para que eles não fiquem reproduzindo o racismo e que consigam identificar esses atos, digamos assim, “pequenos” de racismo. Prosseguiu falando: a gente faz isso para criar uma sensibilidade neles. Tem alunos negros ali que juravam para mim que essa coisa de racismo não existe que é exagero toda vez que a gente falava sobre. Achavam que não sofrem racismo, mas sofrem. O que acontecia é que eles não conseguiam enxergar o racismo que os atinge. Teve um aluno branco uma vez que falou que existe racismo reverso e depois de algumas semanas na companhia ele veio até mim e disse que havia repensado sobre essa posição e que estava errado. Aqui na companhia as pessoas cresceram não só como atores, mas como pessoas.*

No dia 20 de Novembro, dia da consciência negra, por iniciativa dos membros da companhia, a Talentos da Vila Vintém organizou uma apresentação do espetáculo “Prisões Fora do Cárcere”. Eu assisti a essa peça cerca de cinco vezes, sem contar os ensaios, e nesse dia foi a demonstração mais intensa e visceral da peça. Logo depois do espetáculo foi organizada uma mesa de debate sobre o lugar do negro nas artes. A mesa foi composta pelas atrizes negras Sabrina Rosa, Mary Sheila e o crítico de teatro Erasmo Lopes. O espetáculo era o evento principal. Os convidados foram para assistir a peça para depois falarem um pouco das suas impressões sobre o espetáculo e sobre a condição do negro nas artes. Por conta do horário apertado, a fala dos convidados não durou muito tempo.

Apesar disso, foi uma troca coberta de intensidade que pode ser expressada na fala da atriz Sabrina Rosa direcionada a um público formado em sua maioria por de jovem atores negros: *nenhum colega de profissão branco que mora no asfalto vai saber o que você passou ou passa para tá nas artes. Só a gente sabe. Tinha dia, Otávio, que eu saía do Vidigal para ir gravar Chocolate com Pimenta e o tiro tava comendo. Eu não tinha opção de faltar a gravação, eu tinha que ir de algum jeito. A gente coloca*

a nossa vida em risco para fazer TV, cinema ou teatro. Chegava nas gravações chorando, me tremendo. Ninguém perguntava se eu estava bem ou o que tinha acontecido comigo. Só me perguntavam “tá pronta para gravar?” Eles não possuem noção do que a gente passa pra fazer arte. A gente luta contra uma sociedade racista que não se importa com as nossas vidas.

Conclusão

A Talentos da Vila Vintém é uma companhia de teatro que tem a sua história atravessa em fazer uma luta contra o racismo, um racismo que carrega consigo o desprezo velado pela cor e pela classe social. A peça “Prisões fora do Cárcere” é o “carro chefe” da companhia, sendo talvez o espetáculo que a Talentos da Vila Vintém mais apresentou fora da favela. Essa peça tem, segundo uma entrevista dada por Otávio: *a proposta de mostrar dentro de um universo crítico e com muito humor, as prisões em que vivemos de várias outras maneiras, a todo instante, no dia a dia, mesmo fora do sistema carcerário convencional. Estamos falando das prisões invisíveis, como as grades dos condomínios, as trancas nas portas e janelas, o preconceito social e racial, a ignorância das pessoas, o abismo entre o asfalto e a favela, entre tantas outras que nos aprisionam em nosso próprio mundo, nos privando de um convívio social livre e saudável, como gostaríamos que ele fosse*⁴.

Busca produzir uma narrativa que realiza uma crítica ao racismo estrutural, ao genocídio do jovem negro e aos demais preconceitos que atravessam a sociedade brasileira. A peça se propõe de forma levemente irônica:

[Invadir] a imaginação do público e [brincar] com seus medos, conceitos e preconceitos. Mostramos a violência moral praticada e sofrida por muitos; as disputas desleais do povo para com o próprio povo na busca desenfreada por uma vida melhor, por dinheiro, sucesso ou somente dignidade; o assassinato de mais uma vítima, fruto de uma violência muitas vezes praticada por nós mesmos sem percebermos, através do egoísmo, da ambição ou da omissão⁵.

A Talentos da Vila Vintém é composta em sua maioria por atores negros que residem próximo, ou nas periferias da Zona Oeste. Essas pessoas vivenciam no

⁴ Entrevista dada por Otávio Moreira a um jornal de Angra dos Reis a respeito da apresentação da peça “Prisões Fora do Cárcere” no Teatro Municipal de Angra dos Reis. Imagem disponível em: <https://www.facebook.com/CiaTeatralTvvtalentosDaVilaVintem/photos/pcb.1156650791066718/1156650167733447/?type=3&theater>

⁵ Sinopse da peça Prisões Fora do Cárcere. Disponível em: <http://diariodovale.com.br/lazer/peca-prisoes-fora-do-carcere-sera-apresentada-no-centro-cultural-theophilo-massad/>

dia a dia o racismo estrutural e a violência do Estado. A partir disso, os atores da companhia buscam criar um bloco de sensações que tem como objetivo sensibilizar o público com o qual se relaciona. E, desta forma, construir um campo de vibrações que faz com que ambos sejam afetados e modificados a partir da potência de um bom encontro.

A potência de um encontro bom entre dois corpos diferentes pode ser forte o suficiente para modificar esses dois corpos. A companhia ao abordar em suas peças questões sobre o racismo, machismo, homofobia, preconceito social, etc., pode tornar possível que espectador se liberte de uma visão reacionária da vida. Na mesma medida os atores da Talentos da Vila Vintém podem aumentar sua potência de vida ao se sentirem alegres com o reconhecimento de seu trabalho, é como disse Jonathan: *as palmas para o ator, às vezes valem mais do que dinheiro*, assim estimulando-os que continuem nessa jornada pelas artes.

Esse tipo de movimento foi possibilitado porque, ao longo da sua trajetória, a companhia insistiu e, ainda insiste, em se projetar para fora da Vila Vintém, mas ao mesmo tempo mantém uma relação íntima com seu território. Os múltiplos fluxos éticos, afetivos e simbólicos que atravessam a vida das pessoas que formam a companhia são responsáveis pela composição política que a Talentos da Vila Vintém pode atingir virtualmente e concretamente. Os atores da companhia quando ocupavam esses outros palcos e ruas fora da favela da levavam consigo, em suas trajetórias e experiências de vida, o que é viver dentro da favela da Vila Vintém. Assim sendo, talvez ocorra a produção da construção de uma composição intensiva entre os atores e aquele outro espaço que antes era inacessível e que agora é usado como condutor para a construção de um território outro, um território existencial. Isso é possível pois,

O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente 'em casa'. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ela é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (GUATTARI; ROLNIK, 2005: 388).

A companhia se configura enquanto um espaço de múltiplas possibilidades existenciais, pois, de certa maneira, a Talentos da Vila Vintém se é uma zona de denúncias e discussões de problemas que assolam a nossa sociedade. Nesse sentido, Como informado pelo Augusto Boal: "a prática destas formas teatrais cria uma espécie de insatisfação que necessita complementar-se através da *ação real*"

(BOAL,1991: 164 – grifo do autor).

Referências

BARBOSA, Jorge Luiz. Ordenamento territorial urbano na era da acumulação globalizada, *Territórios e Territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial*, (Orgs.), MOREIRA, Ruy & OLIVEIRA, Marcio P. de, Lamparina, Rio de Janeiro, 2007.

_____. Cartografias da cena cultural e artística dos bairros de Bangu, Campo Grande, Santa Cruz e Guaratiba, *Culturas de Periferias*, (Orgs). BARBOSA, Jorge Luiz & SILVA, Monique Bezerra, Observatório de Favelas, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://of.org.br/wp-content/uploads/2017/03/OBSERVATORIO-DE-FAVELAS-E-BOOK-CULTURAS-DE-PERIFERIA-V9.pdf>

BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas*, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2005.

FOUCAULT, Michel. Aula de 17 de Março de 1976, *Em Defesa da Sociedade*, Martins Fontes, São Paulo, 2016.

GUATTARI, Félix. Heterogênesse, *Caosmose: um novo paradigma estético*, Editora 34, São Paulo, 2012.

_____. ROLNIK, Suely. Cultura: um conceito reacionário? *Micropolítica: cartografias do desejo*. Vozes, Petrópolis, 2013.

_____. Subjetividade e História, *Micropolítica: cartografias do desejo*. Vozes, Petrópolis, 2013.

_____. notas descartáveis: sobre alguns conceitos, *Micropolítica: cartografias do desejo*. Vozes, Petrópolis, 2013.

NASCIMENTO, Abdias do. Introdução, *O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado*, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1978

SILVA, Ana Claudia Cruz da. Onguização, Criação e Movimento, *Devir Negro: uma etnografia de encontros e movimentos afroculturais*, Papeis Selvagens, Rio de Janeiro, 2016.

Artigo recebido em 29/03/2019, aprovado em 17/07/2019.